

Maré de Notícias

Bairro Maré / Rio de Janeiro - Ano 1 | nº 10 - Outubro de 2010

Elisângela Leite



Quem foi que disse que isso é lixo?

Se você olha os vasilhames desta foto e enxerga lixo, está na hora de rever seus conceitos. A maior parte do que jogamos fora não é lixo e pode – e deve – ser reaproveitado. Enquanto a Prefeitura não implanta coleta seletiva na favela, a Maré faz a sua parte. Duas cooperativas de reciclagem localizadas no bairro possuem capacidade de receber mais embalagens, papéis, plásticos, metais e PET dos moradores. “Se todos aprenderem mais sobre reciclagem, teremos um futuro melhor para os nossos filhos e netos”, diz a catadora Marta. Pág. 6

Reprodução



Palafitas do Parque Maré

Meninos, eu vi!

“Nossa história” é a nova seção do Maré de Notícias. A história contada por quem viu e viveu. O primeiro entrevistado é Zé Careca, que passou a frequentar o Parque Maré em 1951, quando a comunidade estava começando, com menos de 70 barracos sobre palafitas. Pág. 11

Veja a programação
da Lona da
Maré. Pág. 8

Elisângela Leite



Marcílio Dias sob nova direção

A Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias dribla as dificuldades e busca uma série de melhorias para a comunidade. A presidente Jupira dos Santos quer atrair projetos para a localidade e busca a melhoria dos serviços públicos. Pág. 5

Moradores graduados

Antigamente, quem se formava na universidade era chamado de “doutor”. Tratava-se de uma conquista distante de pessoas de território popular, mas essa realidade já mudou também na Maré, onde o acesso de moradores à faculdade triplicou de 2000 a 2008. Pág. 3

Shyrlei Rosendo



Turma do CPV Redes

Mais mulheres denunciam maus-tratos

Elisângela Leite



A Lei Maria da Penha já colhe seus frutos. O número de mulheres que denunciam a violência sofrida dentro de casa aumentou 112% este ano. Saiba como agir nesses casos. Na Maré, o Centro de Referência de Mulheres - Carminha Rosa, na Vila do João, faz encaminhamento de denúncias e ajuda na geração de renda das vítimas que mudam suas vidas. Pág. 4

Equipe do Centro de Mulheres Carminha Rosa

O *Maré de Notícias* conquistou o Selo Prêmio Cultura Viva, do Ministério da Cultura, e agora concorre ao Prêmio Cultura Viva que, em sua terceira edição, busca valorizar iniciativas que articulem cultura e comunicação. A equipe do jornal gostaria de compartilhar essa conquista com todos os leitores. Foram selecionados 120 projetos de 1.794 inscritos.

Editorial

Boas notícias da Maré

O *Maré de Notícias* chega à décima edição com uma conquista que a equipe gostaria de dividir com os leitores. Afinal, o jornal é também fruto das ideias, opiniões e sugestões dos moradores e instituições atuantes no bairro. Conquistamos o Selo Prêmio Cultura Viva, concedido pelo Ministério da Cultura a iniciativas que buscam valorizar a articulação entre cultura e comunicação. Mais de 1.700 iniciativas concorreram ao selo e, destas, 120 foram selecionadas. Para saber mais, visite www.premioculturaviva.org.br/

Nesta edição, damos início a duas novas seções: Comunidades da Maré e Nossa Gente. A primeira trará notícias sobre cada uma

das comunidades da Maré; e a segunda contará um pouco da vasta história do bairro, de acordo com lembranças dos moradores que vivem na localidade há mais tempo. Confira as duas primeiras reportagens nas páginas 5 e 11!

Nas próximas páginas, o leitor encontrará também algumas das boas iniciativas que florescem bem pertinho da gente. Uma delas são os cursos pré-vestibulares, que contribuem para aumentar o acesso dos moradores ao ensino superior (pág. 3). Na pág. 4, a matéria sobre violência contra mulheres cita o trabalho desenvolvido na Vila do João; e a matéria principal trata de reciclagem dentro da Maré (pág. 6 e 7).

Boa leitura!

CARTAS

Coragem

Vi o jornal de vocês e gostaria de parabenizá-los pela coragem.

Wânia Monteiro

Vida longa ao Maré de Notícias

Parabenizo a equipe pela iniciativa de criar uma mídia que relata o cotidiano dos moradores da periferia. Este tipo de ação cria uma identidade. As pessoas se reconhecem. Belíssimo conteúdo. Que esta produção permaneça por longos anos.

Alessandro Swinerd

Cultura da leitura

Quero parabenizá-los não só pelo conteúdo das matérias, mas principalmente pelo enorme trabalho que é levar a cultura da leitura a uma comunidade carente. Alguns anos atrás, participei ativamente do jornal comunitário do meu bairro, tendo uma coluna falando sobre futebol e dando minhas opiniões em outros esportes, fato que me foi muito gratificante. Hoje, formado em Marketing, administro uma loja da Rua Teixeira Ribeiro. Fico no aguardo do próximo exemplar do jornal.

César D. Azevedo



O PODER DA MÍDIA EM DEBATE

Em muitos países cresce o olhar crítico de parte das populações sobre a chamada "grande imprensa", acusada de apresentar as notícias conforme seus interesses políticos e econômicos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o presidente Barack Obama já trata a rede de televisão Fox News como um partido político. Na Bolívia, o presidente Evo Morales declarou que a maior oposição que ele enfrenta vem da grande imprensa. Aqui no Brasil, o jornalista Paulo Henrique Amorim popularizou a expressão "Partido da Imprensa Golpista (PIG)", termo criado por internautas em 2007. Não é de estranhar, portanto, que o Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) tenha escolhido como tema de seu 16º curso anual "O poder da mídia no século 21". O curso acontecerá entre os

dias 24 e 28 de novembro, no Rio de Janeiro, destinado a todos que queiram aperfeiçoar a comunicação popular. O NPC é um grupo de bravos jornalistas, profissionais de comunicação e professores universitários de várias áreas que se propõe a fortalecer a comunicação popular como alternativa à hegemonia dos meios tradicionais. Mais informações pelos telefones (21) 2220-5618 / 9628-5022, pelo e-mail: npiratininga@uol.com.br ou pelo site <http://www.piratininga.org.br/>

Se você tem alguma informação sobre estas crianças, ligue para (21) 2286-8337 (Fundação para a Infância e Adolescência - FIA).



Leandro da Silva Roque



Michele Santana de Araújo

Expediente

Instituição Proponente
Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Eblin Farage
Edson Diniz
Eliana Sousa Silva
Fernanda Gomes

Coordenadora do Setor de Comunicação
Tatiana Galvão

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio
Ação Comunitária do Brasil
Administração do Piscinão de Ramos
Associação Comunitária Roquete Pinto
Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança

Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias
Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Associação de Moradores do Parque Ecológico

Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos

Associação de Moradores do Parque Maré

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda

Biblioteca Comunitária
Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva Vila Olímpica da Maré

Editora executiva e jornalista responsável

Silvia Noronha
(Mtb - 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb - 29919/RJ)

Marianna Araújo

Rosilene Millotti
(Estagiária)

Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Vitor de Castro
(Mtb 30.325/RJ)

Fotógrafa

Elisângela Leite

Projeto Gráfico e diagramação

Anna Iannini

Logotipo

Monica Soffiatti
(com foto de Genilson Araújo)

Assistente gráfico

Felipe Reis

Colaboradores

Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Coletivo Favela em Foco,
Flávia Oliveira,
Imagens do Povo,
Marília Gonçalves.

Impressão

News Technology Gráfica
Editora Ltda

Tiragem
30.000

Redes de Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
Informações: (21) 3104.3276
(21)3105.5531
www.redesdamare.org.br
redesdamare@redesdamare.org.br

Parceiros



Cresce o número de moradores com curso superior

Cursinhos pré-vestibulares comunitários contribuem para que um sonho se torne realidade



Fábio (ao fundo, à esquerda), morador da Maré, dá aula no pré-vestibular



Josimar Costa, morador da Vila do Pinheiro, no Pré-Vestibular Samora Machel

Texto e fotos: Hélio Euclides

O percentual de moradores da Maré graduados e graduandos aumentou de 1,6%, em 2000, para 4,7%, em 2008

Desde a época da redemocratização, nos anos 1980, os movimentos populares vêm lutando em diversas frentes por direitos iguais e melhoria de vida do brasileiro. Faz parte dessa luta o trabalho desenvolvido nos cursos pré-vestibulares comunitários, que exercem papel de destaque na ampliação das escolhas de vida de pessoas de diferentes idades. Os esforços já deixam seus frutos. Segundo os resultados do Censo Maré 2000, a porcentagem de moradores universitários naquele ano era de 1,6%. Em 2008, pesquisa realizada

com 514 moradores em todas as comunidades da Maré, para a tese de doutorado de Eliana Sousa Silva, diretora da Redes de Desenvolvimento da Maré, verificou que o índice havia aumentado para 4,7%.

Na década de 1980, o acesso das camadas populares à universidade era mais raro ainda, o que a própria Eliana, hoje aos 48 anos, sentiu na pele. Quando jovem, ela tirava cópia das apostilas dos cursos preparatórios que os amigos frequentavam. “Estudava sozinha, foi um grande esforço. Em 1983, quando passei, era mais difícil do que hoje, pois tive que construir uma estratégia individual. Agora há uma iniciativa coletiva, com pré-vestibulares nas comunidades”, compara.

A moradora da Vila do Pinheiro e também doutora Jaqueline Luzia, de 32 anos, diz que, em 1996, quando prestou vestibular, os preparatórios que existiam eram todos muito caros. “Fiquei sabendo da existência de um curso comunitário no bairro de Oswaldo Cruz; e mesmo longe de casa, o curso significava para mim a oportunidade de me preparar para o vestibular e para a minha formação de consciência”, recorda-se.

No final da década de 1990, o movimento em prol dos cursos preparatórios comunitários cresceu. Um dos percussores foi frei David Santos, coordenador do Educafro. “De lá para cá, as mudanças foram grandes nos quatro cantos do Brasil. A comunidade negra e branca pobre tomou consciência de seus direitos. A nossa luta para que o governo tivesse um plano de inclusão foi determinante”, revela frei David.

Aprendendo a estudar

Para Roberta Alves, de 28 anos, o extinto curso Provest da Vila do João foi indispensável para seu ingresso no curso de biblioteconomia, em 2007. “Ensinou-me o que não sabia: a disciplina para estudar”, avalia.

Para muitos jovens, o Curso Pré-Vestibular Redes da Maré (CPV Redes) se tornou uma espécie de guia nessa trilha que já contabiliza mais de 600

aprovados somente para universidades públicas do Rio de Janeiro. Além disso, o curso procura trabalhar o desenvolvimento humano por meio de inúmeras atividades. “Os alunos passam a se engajar em questões sociais, fortalecem seus laços de pertencimento com a comunidade, enfim, se percebem sujeitos de sua própria história, de sua própria vida”, analisa o coordenador do curso, Tiago Cavalcante. A aluna Ana Cláudia, de 23 anos, completa: “Depois do pré vejo a vida com outro olhar”.

Outro projeto frequentado por moradores da Maré é o Pré-Vestibular Samora Machel, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que visa promover o acesso da população vizinha à Cidade Universitária. “Os cursos comunitários ainda são uma boa opção. Esse movimento foi um motor que empurrou a sociedade para pensar e atuar nessa questão. Lembro que as cotas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foram frutos desse movimento”, destaca o coordenador do curso e professor João Massena.

Três moradores da Maré são professores do Samora. “O pré-vestibular ensina a fazer uso do ensino, a viver o que se aprende. Eu me realizo dando aulas e é uma forma de agradecer”, comenta Fábio Monteiro, de 29 anos, professor de história, morador da Maré. Seu aluno Josimar Costa, de 35 anos, da Vila do Pinheiro, chama atenção para o diferencial comunitário. “O fato de o curso dar consciência política faz dele uma bússola”, afirma.

“Os alunos passam a se engajar em questões sociais, fortalecem seus laços de pertencimento com a comunidade, se percebem sujeitos de sua própria história, de sua própria vida”

**Tiago Cavalcante,
do CPV Redes**

Onde estudar

- **Pré-Vestibular Redes da Maré** - funciona à noite, de segunda a sexta e também nas tardes de sábado, na sede da instituição, na Nova Holanda, com três turmas. Há uma quarta turma na Associação de Moradores da Vila do João. Tel: 3105-5531.
- **Pré-Vestibular Samora Machel** - funciona à noite, de segunda a sexta, nas instalações do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), da UFRJ, no Fundão. Com duas turmas de 70 alunos cada.

Basta!

Cada vez mais mulheres denunciam as agressões vindas do companheiro ou de outro familiar

Texto e foto: Hélio Euclides

“Em mulher não se bate nem com uma flor” – uma frase poética que em pleno ano 2010 ainda não é levada à sério. Dados da Secretaria de Políticas para as Mulheres, do governo federal, revelam um aumento de 112% no registro de chamadas para a Central de Atendimento à Mulher, de janeiro a junho deste ano, em comparação com o mesmo período de 2009, em todo o território nacional. Foram 343.063 atendimentos no período, contra 161.774. Esses números se devem à realização de campanha de divulgação da Lei Maria da Penha, promulgada em 2006 com o objetivo de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

No Rio de Janeiro, terceiro estado em chamadas, com 25.274 registros, a campanha provocou o aumento de notificações nas dez Delegacias Especiais de Atendimento a Mulher (Deam) existentes. Somente na Deam do centro da cidade são registradas em média de 60 a 70 denúncias por dia, que geram a abertura de 600 a 700 inquéritos por mês. “Aqui o atendimento é diferenciado, só para mulheres. Trabalhamos em uma rede de atendimento de instituições, tipo os juizados que têm atendimento para a vítima e agressor, com terapia”, comenta a delegada da Deam Centro, Célia Silva Rosa, de 55 anos.

Em média, a maioria das mulheres denuncia somente depois de dois anos de maus-tratos, pois, em geral, elas acreditam que o agressor vai parar de bater ou sentem dificuldade por dependerem financeiramente do marido. “Mesmo após a procura, 5% se arrependem e afirmam que só queriam dar um susto. Elas têm medo de perder o conforto, que para ela é uma vida organizada. Não podemos forçar ninguém, mas recomendo que se denuncie logo na primeira agressão, seja física, moral ou patrimonial”, afirma a delegada.

Violência psicológica e patrimonial também são crimes

Diversas medidas podem ser tomadas pela polícia e pela justiça para impedir que algo de mais grave ocorra. Em primeiro lugar, vale ressaltar que até quando não há lesão, o agressor é indiciado. Isto porque a lei Maria da Penha define como crimes as violências física, sexual, psicológica, moral e patrimonial (quando há retenção ou subtração de bens ou mesmo de documentos) e enquadra ainda atitudes como manter a mulher sob vigilância constante ou sob ameaça, entre outras.

Como prevenção, operações de busca e apreensão têm acontecido quando o companheiro faz ameaça com arma. Outra ação é o impedimento de qualquer comunicação do agressor com a vítima, com decretação de prisão caso a determinação seja descumprida. Em situação de risco, o Estado indica uma casa de abrigo para a mulher; e se ela precisou sair de casa às pressas, os policiais a acompanham para que possa pegar seus pertences.

“Alguns agressores atribuem sua atitude à bebida, outros explicam como normal a violência. O agressor acha que não tem limite, mas apanhar de marido não é normal. Lembro que a agressão não é só de companheiro contra a mulher, pode ser de pai, sogro, outra mulher, quando ela vive afetivamente”, explica Célia. Segundo a delegada, são poucas as



Delegacia da Mulher: denúncias de moradoras da Maré são raras

Leis contra a violência doméstica

Maria da Penha (11.340 /2006) - cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos: do parágrafo 8º do artigo 226 da Constituição Federal, da convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e da convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher; altera o código de processo penal, o código penal e a lei de execução penal; entre outras providências.

O nome da lei é uma homenagem à farmacêutica Maria da Penha, que foi agredida pelo marido durante seis anos. Em 1983, por duas vezes, ele tentou assassiná-la, numa delas deixando-a paraplégica. Maria da Penha lutou 19 anos pela condenação do agressor que, mesmo assim, cumpriu apenas dois anos de prisão em regime fechado.

Lei n.º 9.099 - instituiu e regulamentou os juizados especiais cíveis e criminais (JECrim), que tem competência para conciliação, processo e julgamento das causas cíveis de menor complexidade.

denúncias provenientes de comunidades. “Da Maré são raros, mas não quer dizer que não exista agressão”, afirma.

Na Maré existe, há cinco anos e meio, um trabalho coletivo de combate à violência contra a mulher, desenvolvido por estudantes e moradores, que oferecem atendimento psicológico, político e social. Trata-se do Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa, que concentra profissionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como assistentes sociais, técnicas em assuntos educacionais e estagiários. Eles executam atividades sociais e culturais, cursos e palestras, para a geração de renda das mulheres assistidas. Desse jeito contribuem para que as vítimas tenham mais condições de sair da situação de violência de gênero. “É uma política permanente no local, ajudamos com encaminhamento também, mas a porta de entrada não é o atendimento e sim as oficinas”, detalha a professora e coordenadora do CRMM-CR, Eliana Moura, de 55 anos. Para duplicar esse trabalho, no final de outubro a o Rio de Janeiro ganhará outro centro de referência, na Cidade Universitária.

A quem recorrer

• Central de Atendimento à Mulher: Ligue 180

• Disque Mulher: (21) 2332-8249

• Disque Assembleia Direitos da Mulher: 0800 2820119

• Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa (UFRJ)

Rua 17, Vila do João - Maré (anexo ao Posto de Saúde)

Tel/ fax: (21) 3104-9896

E-mail: equipe.cmmm@cfch.ufrj.br

www.cfch.ufrj.br/cmmm

Horário de Atendimento:

2ª a 6ª feira das 9h às 17h

• Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam)
Av: Visconde do Rio Branco, 12 - Centro (próx. à Praça Tiradentes)
Tel.: (21) 2334-9859 / 2332-9998

• I Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher
Rua da Carioca, 72 - centro
Tel. 2232-9939 / 2332-8566



Sede da associação de moradores, atualmente em reformas

A volta por cima de Marcílio Dias

Comunidade luta por serviços públicos e projetos de melhoria para toda a população local

Texto: Sílvia Noronha | Fotos: Elisângela Leite

A Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias está em pleno processo de transformação. Para começar, a associação existe desde a década de 1980, mas só em meados deste ano, na atual gestão, o processo de legalização da instituição foi finalizado. “Agora posso dizer que pertencemos à Maré”, afirma Jupira dos Santos, de 50 anos, que este ano assumiu a presidência da comunidade situada entre a área militar da Marinha e o Mercado São Sebastião, na Penha.

Entre as muitas batalhas a serem vencidas estão reformar a sede da associação e desenvolver projetos em prol da comunidade, que conta com cerca de 12 mil moradores, segundo estima Jupira. “Estamos esquecidos. Marcílio não tem projetos, faltam investimentos de empresas e instituições, mas escutamos dizer que existe em outras comunidades”, ressenete-se.

Jupira e seu vice-presidente, Luciano Aragão, de 35 anos, já conseguiram as telhas novas, indispensáveis ao bom funcionamento da associação, onde, por enquanto, chove dentro. Parte das obras conta com o apoio de moradoras da própria comunidade, que fazem o curso Mulheres Construindo um Novo Rio, na Biblioteca Comunitária Nélida Piñon, em Marcílio Dias.

“Impossível fazer qualquer coisa nesse estado. Após a troca das telhas vamos pintar a sede e correr atrás de projetos. Um deles será um curso de informática”, revela Luciano, que é instrutor de informática na biblioteca. Outras ideias são curso pré-vestibular e alfabetização de adultos.

A comunidade e suas privações

A única unidade de ensino público na comunidade é a Escola Municipal Gonzaguinha, que oferece turmas somente até a 4ª série, obrigando os alunos a estudarem fora de Marcílio Dias a partir do 5º ano. Vale lembrar que os moradores sofrem com a oferta precária de transportes. Só existem dois horários de ônibus, que saem às 6h30 e às 7h30 de dentro da comunidade para o centro da cidade, mas não existe volta. É isso mesmo. Vai, mas não volta. Com isso, a população local é obrigada a gastar mais dinheiro com transporte, porque as kombis não possuem autorização para circular fora de Marcílio Dias, podem ir apenas até a Avenida Brasil. Resultado: para trabalhar, a maioria precisa pegar pelo menos duas conduções para ir e outras duas para voltar, o que ao final do mês soma um gasto de R\$ 191,40.

“Estamos correndo atrás para tentar legalizar o transporte alternativo, porque a população sofre muito com essa situação. Às vezes, a fiscalização pega três ou quatro kombis num dia, e quem fica na mão é o morador”, conta Jupira. “Aqui nós estamos esquecidos mesmo”, lamenta ela, que tenta mudar essa e muitas outras situações de privação na comunidade.

Entre as outras lutas está o aumento do número de garis comunitários. Atualmente são apenas quatro, mas a Prefeitura prometeu aumentar para 30 a partir do ano que vem. Outra batalha é o tratamento de esgoto pela

Cedae. “Está horrível, tudo entupido”, conta Jupira. Pelo menos o projeto Água para Todos, que está sendo desenvolvido nas comunidades da Maré, também chegou a Marcílio Dias.

Além disso, a associação está iniciando bons contatos visando beneficiar a comunidade toda. “Estamos procurando a Marinha, o Rotary Clube, as empresas do bairro, entre outros. Com a Comlurb também conseguimos um bom relacionamento. Eu ligo, peço para eles buscarem o lixo na Avenida Lobo Júnior e eles sempre vêm. A Cedae prometeu voltar para cuidar do esgoto”, relata Luciano, que é nascido e criado em Marcílio Dias.

A Rio Luz, por sua vez, tem trocado as lâmpadas das ruas, mas o serviço acontece lentamente, praticamente uma rua por vez. “Nesse ritmo, o trabalho vai terminar no fim do ano; isso se nenhuma lâmpada queimar até lá”, constata Jupira, que mora na comunidade há 20 anos.

A presidente diz que só não faz mais por falta de recursos, pois conta com apenas 31 associados pagando mensalidade de R\$ 5, ou seja, o recurso é mesmo escasso, mas pode melhorar um pouco quando o posto do Programa de Saúde da Família (PSF) começar a funcionar na parte dos fundos da associação, o que vai gerar um aluguel mensal, em valor ainda não negociado.

“O que eu gostaria mesmo era que o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal, entrasse aqui, para ter infraestrutura, asfalto etc. Só mesmo o PAC resolveria os problemas”, acredita Jupira.

Para finalizar, ela explica que não existe comunidade Kelson, nome da antiga fábrica que existia no local. O nome correto é apenas Marcílio Dias, que inclui Mandacarú, onde moradores ainda aguardam definição sobre um projeto de reassentamento (leia ed. n. 4 de *Maré de Notícias*, em www.jornalmaredenoticias.blogspot.com). Marcílio Dias teve início com pescadores que construíram barracos sobre palafitas em 1948. Desde então, só faz crescer e agora quer aparecer com seus direitos garantidos.

**Associação
de Moradores do
Conjunto
Marcílio Dias**

Avenida Lobo Júnior, 83

Aberta de segunda a
sexta-feira em horário
comercial



Área de lazer abandonada



Manuseio do papel na Rio Coop, que tem mais de 300 colaboradores



Separação do lixo na Rio Coop

Recicle essa ideia

A maior parte do que jogamos fora não é lixo. Um destino correto são as cooperativas da Maré

Texto: Rosilene Ricardo | Fotos: Elisângela Leite

Você sabe qual é o destino final do que você joga na lixeira todos os dias na sua casa? Normalmente vai para aterros sanitários, boa parte deles sinônimos de lixão por não estarem adequadamente preparados, gerando poluição do solo e do lençol freático, fortes odores para as populações vizinhas, entre outros problemas. Isso quando as embalagens plásticas, papel, PET, isopor, vidro etc. não vão parar nos rios, valões, no mar ou nas águas da Baía de Guanabara.

Aquí na Maré, duas cooperativas optaram pela reciclagem e hoje, além de servirem como fonte de renda para muitas pessoas, contribuem para dar um destino ecologicamente correto a tudo aquilo que no passado era visto como lixo. Uma delas é a Rio Coop 2000, na comunidade Parque Maré, e a outra a Cooperativa dos Trabalhadores do Complexo de Bonsucesso (Cootrabom), na Vila dos Pinheiros – ambas preparadas para receber mais material dos moradores do bairro.

De acordo com o coordenador de área da Comlurb na Maré, Rômulo Olegário, apenas 20% do lixo produzido hoje no Rio de Janeiro são aproveitados. Ele afirma que bairros da zona sul, como Copacabana, Lagoa e Leblon, possuem coleta seletiva da Comlurb. Na zona norte da cidade, por enquanto, o serviço é praticamente inexistente. “Há oito anos, a Comlurb implantou um projeto nas escolas da Maré que, além de colocar latas de coleta seletiva, dava palestras para os alunos. No entanto, esse projeto não vingou”, conta Rômulo.

Na opinião da geógrafa Thais Paiva da Felicidade, 28 anos, não basta colocar os latões nas escolas se as crianças não receberem orientação. “Sem uma educação de base que auxilie nesse segmento, será mais difícil conseguir mostrar a importância da reciclagem”, avalia. Thais propõe que as associações de moradores ofereçam cursos para donas e donos de casa sobre a importância da separação de resíduos e ainda sobre o que fazer com o lixo orgânico, que pode servir de adubo. Esse processo, que se chama compostagem, se caracteriza por um conjunto de técnicas aplicadas para controlar a decomposição de materiais orgânicos, como restos de comida. A finalidade é obter um material estável, rico em húmus e nutrientes minerais.

Como separar o lixo

Quando o conteúdo das embalagens acabar, limpe os vasilhames e deixe secar. Depois é só colocá-los em um saco separado do lixo orgânico. Se não for possível levar o material até uma das cooperativas situadas na Maré, procure saber se há catadores na sua área e deixe o que é reciclável em sacos separados. Além de facilitar o trabalho do catador, evitará que ele precise abrir os sacos com material misturado com restos de alimentos.

O que separar

Papel e papelão, metal (folha de flandres, alumínio etc.), vidros, plástico, PET, isopor. A Rio Coop também aceita óleo de cozinha usado, pilhas e baterias.

Onde deixar o material para reciclar

Rio Coop 2000 – Rua Dezesete de Fevereiro, nº 408 – Parque Maré. Tel.: 2573-4412 / 3105-7703.

Cootrabom – Via Seletiva, nº 126 – Vila dos Pinheiros. Tel.: 3104 7976

Especificação das cores na coleta seletiva

Se você encontrar pontos de coleta seletiva já instalados pela cidade, fique atento para a separação dos materiais:

- Metais (amarelo)
- Vidro (verde)
- Plástico (vermelho)
- Papel (azul)

Para saber mais, inclusive como transformar seu lixo orgânico em adubo, visite o site: www.lixo.com.br

Rio Coop recebe óleo de cozinha, pilha e bateria

Um das catadoras da Rio Coop, Marta Esteves Policarpo conta que fez vários cursos para aprender um pouco mais sobre reciclagem. Em seu trabalho, ela já encontrou muitos objetos no meio do lixo, entre elas livros novos e até jóias. “Se todos aprenderem mais, teremos um futuro melhor para os nossos filhos e netos”, diz Marta. “Ainda existe muito preconceito com as pessoas que coletam lixo. Mas imagine se as cooperativas não o coletassem como o mundo seria?”, questiona.

Desde sua fundação, em 1999, a Rio Coop recebe e separa materiais como alumínio, papel, vidro e óleo de cozinha. De acordo com o coordenador da cooperativa, José Luiz de Oliveira Estácio, parte do que é coletado vem da zona sul. Os condomínios que têm convênio com a Rio Coop já separam materiais como papel, alumínio, papelão e plástico por tipo. Além disso, 1.500 postos de gasolina doam as garrafas plásticas de óleo lubrificante, incentivados pelo projeto Jogue Limpo, criado por Estácio. Outro parceiro é a Coca-Cola, que através do Projeto Reciclar é Legal, também criado por ele, incentiva catadores a pegarem as garrafas PET deixadas pelas ruas da cidade.

A Rio Coop 2000 conta hoje com 32 empregados diretos e 300 colaboradores indiretos que levam os materiais na sede da cooperativa. Com esse número é possível coletar uma média de 300 toneladas de material reciclado por mês. “Com o tempo tivemos algumas conquistas, entre elas a concessão para receber pilhas e baterias de celular. Quem tiver esse tipo de material pode trazer. Depois que recolhermos uma certa quantidade enviaremos esse material para uma empresa responsável”, afirma Estácio.

A Cootrabom, por sua vez, foi fundada em 2002 e conta com cerca de 20 trabalhadores diretos e mais 30 catadores indiretos. Além disso, possui convênio com várias empresas, entre elas a Tetra Pak, fabricante das caixas de leite, que são reutilizadas na fabricação de telhas. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) cede papéis, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) destina papelão e papel e a Queiroz Galvão, responsável pela limpeza da Baía de Guanabara, conta com o auxílio de catadores para a coleta do que estiver nas águas.

Agnaldo Moraes, coordenador da cooperativa, diz que entre os ganhos da iniciativa está, inclusive, a abertura de contas bancárias para os catadores. “Dessa forma, inserimos as pessoas na sociedade, já que muita gente não respeita essa profissão”, afirma.

Reduzir, reutilizar, reciclar e repensar

Em breve, mais empresas deverão se associar às cooperativas. É que em agosto deste ano foi sancionada a Política Nacional de Resíduos Sólidos (lei 12.305, de 02/08/2010), para que empresas, governos e cidadãos deem destino final adequado aos resíduos, incluindo o lixo eletrônico. A lei estabelece a logística reversa, ou seja, quem fabrica algo passa a ser responsável pelo retorno de embalagens e outros materiais provenientes de sua produção industrial após o consumo e o descarte pela população.

Um dos graves problemas da atualidade é o destino dos produtos eletrônicos, como os aparelhos de celular e os computadores. Especialistas acreditam que a implantação da logística reversa contribua também para que as indústrias optem pela utilização de materiais menos danosos ao meio ambiente, entre os elementos que compõem seus produtos.



Cooperativas da Maré recebem papel enviado por empresas

Mas a lei prevê uma série de outras medidas, inclusive a proibição de lixões e a implantação de coleta seletiva pelas prefeituras. A tragédia do Morro do Bumba, no início de abril deste ano em Niterói, é um exemplo do perigo do abandono irresponsável de antigos lixões.

Uma ação implantada em 2009 pelo Ministério do Meio Ambiente foi a campanha “Saco é um saco”, que, pelos cálculos do governo, evitou o uso de 800 milhões de sacolas plásticas em um ano. Cada vez mais brasileiros usam sacolas retornáveis, como as de pano, para levar suas compras para casa. Mas ainda é pouco. Estima-se o uso de um milhão e meio de sacolas plásticas por hora no Brasil. Ainda uma outra política pública a ser implantada pelo ministério envolve o Plano de Produção e Consumo Sustentáveis, atualmente em consulta pública.

A dona de casa Magna Carla Nascimento, 30 anos, moradora da comunidade Nova Holanda, já mudou os hábitos. Ela faz sabão em casa com o óleo de cozinha usado e, normalmente, já separa plásticos, papéis e latas de uso doméstico. “Se deixo tudo misturado no saco, as pessoas rasgam tudo e o que não é usado fica espalhado. Se todos pensarem assim, com certeza teremos ruas mais limpas”, conclui.

“Se todos aprenderem mais sobre reciclagem, teremos um futuro melhor para os nossos filhos e netos. Ainda existe muito preconceito com as pessoas que coletam lixo, mas imagine se as cooperativas não o coletassem como o mundo seria?”

Marta Esteves Policarpo, catadora



Montanha de material que será reciclado



A catadora Marta mostra blusa encontrada no lixo



de lembrar que as fantasias são gratuitas e a escola manda quantos ônibus forem necessários para levar e trazer todas as crianças", avisa Paulo. Mais informações com o Paulo, na quadra da escola, na rua Faleiro, nº 01, em Pilares.

CARNAVAL

Crianças da Maré no Carnaval 2011

O carnavalesco Paulo Cavalcanti, da Escola de Samba Mirim Inocentes da Caprixosos, convida as crianças da Maré para participarem do desfile de 2011, que terá como enredo "Xuxa e seu reino encantado no mundo da imaginação". A escola pretende levar para avenida 2.000 crianças, distribuídas em 30 alas. O desfile será no Sambódromo, na sexta-feira de Carnaval. "Gostaria

RÁDIO

Nas ondas do Zoasom

Um programa feito por jovens e para os jovens. Este é o novo Zoasom, programa semanal de auditório, transmitido ao vivo pela Rádio MEC, todas as quintas-feiras, às 17h. O programa estreou em agosto, produzido pela ONG Criar Brasil. O Zoasom discute temas ligados à cidadania e juventude com entrevistas, humor, presença de cantores e cantoras consagrados e bandas alternativas, sempre com a participação dos jovens da plateia. Além disso, a cada semana uma escola é convidada e há espaço para produções de rádios comunitárias ou rádio-escolas. Quem quiser participar é só aparecer na Praça da República, 141 A, centro do Rio. A entrada é franca e a distribuição de senhas começa às 16h. Para saber mais e ouvir o programa, visite: <http://www.zoasom.com> ou sintonize Rádio MEC AM em 800 kHz.

Divulgação



Os apresentadores Camila e Michel, estudantes de jornalismo

CURSO

Curso na Mangueira oferece bolsa auxílio

A Associação Profissionalizante BM&FBovespa, um dos programas sociais da Vila Olímpica da Mangueira, está com inscrições abertas para diversos cursos profissionalizantes, nas áreas de construção civil, marcenaria, elétrica e beleza em geral. As inscrições vão de 18 a 22 de outubro e exigem idade entre 17 e 22 anos, escolaridade mínima do 6º ano do ensino fundamental (antiga 5ª série) e oferecem bolsa auxílio de R\$ 110. Mais informações pelos telefones 2218-2563 ou 2218-2714.



LIVRO

Artistas cidadãos

Livro do poeta Sérgio Vaz, "Cooperifa, antropofagia periférica" conta a história dos saraus que chegam a reunir 500 pessoas na periferia de São Paulo em torno da poesia. Ao reunir as várias histórias que marcam a Cooperifa (Cooperativa dos Artistas da Periferia), Sérgio Vaz fala da apropriação que a periferia tem feito de áreas como a literatura, antes fechada a um seleto grupo de intelectuais tradicionais. Mas, como o livro deixa bem claro, a literatura ganhou as ruas, os becos e vielas das periferias, trazendo à tona uma produção livre de qualquer tutela, capaz de ultrapassar a faixa da exclusão para se fazer presente no circuito cultural da cidade. Criado em 2001 pelo próprio Sérgio, o Sarau da Cooperifa é descrito por ele como o quilombo cultural da senzala moderna: a periferia. O livro faz parte da coleção Tramas Urbanas (Aeroplano Editora), idealizada por Heloisa Buarque de Hollanda e que tem como proposta abrir espaço para uma nova e crescente produção intelectual, em especial àquela nascida nas periferias ou voltada para elas. Para quem se interessar a editora já disponibilizou vários volumes para download gratuito. É só clicar e conferir. <http://www.portalliteral.com.br/blogs/tramas-urbanas-para-download> (Texto: Tatiana Galvão)



Programe-se! O que rola pela Lona da Maré

08/10 (sexta-feira), 20h - Orquestra Voadora. Após o show, a festa continuará. R\$ 5

20/10 (quarta-feira) 19h - Exibição do filme Palavra Encantada, de Helena Solberg

5/11 (sexta-feira) 20h - Show com a banda Dona Joana. R\$ 5

12/11 (sexta-feira) 20h - III Favela Rock Show. R\$ 2

19/11 (sexta-feira) 10h - show da banda de palhaços Roda Gigante - Direção teatral de Flavia Reis. O show é uma brincadeira de oito palhaços que tentam explicar através de um repertório musical bastante eclético qual é o sentido da vida. GRATUITO.

Oficinas gratuitas na Lona

Segunda-feira

9h às 11h – Construção de instrumentos musicais
14h às 16h – Artes circenses

Terça-feira

10h às 12h – Sonorização/DJ
14h às 16h – Teatro

Quarta-feira

10h às 11h30 – Maracatu
11h30 às 13h – Maracatu
14h às 16h – Artes circenses

Quinta-feira

10h às 12h – Sonorização/DJ
14h às 16h – Teatro

Sexta-feira

9h às 11h – Construção de instrumentos musicais
10h às 11h30 – Maracatu
11h30 às 13h – Maracatu

Sábado

11h às 13h – Prática de orquestra

A Lona Cultural Municipal Herbert Vianna fica na rua Ivanildo Alvez, s/n, Nova Maré. Ingressos à venda no local e na secretaria da Redes (rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda). Mais informações: lonadamare@gmail.com ou 3105-6815.



Seminário com base nas reivindicações de professores

Elsângela Leite



Professores lotaram o auditório no primeiro seminário, no Fundão

No dia 27 de novembro, professores e representantes do ensino municipal vão se reunir no 2º Seminário de Educação da Maré, em auditório a ser definido na UFRJ, na Ilha do Fundão, de 8h às 17h. Na tentativa de construir um pensamento de coletividade em torno do tema, as propos-

tas apresentadas pelos professores no primeiro seminário, em 2009, foram validadas este ano, por meio de consultas aos profissionais. As propostas estão sendo debatidas com os professores nos Fóruns de Educação da Maré, eventos preparatórios para o seminário. “É nosso desafio pensar formas de mobilização dos profissionais da educação da Maré”, afirma a diretora da Redes, Eblin Farage, uma das organizadoras do evento.

Em 24 de setembro, na segunda reunião do fórum, na sede da Redes de Desenvolvimento da Maré, os professores se mostraram preocupados com as poucas vagas para o segundo segmento do ensino fundamental, o que obriga a família a procurar uma escola fora da Maré para o filho continuar os estudos. Além disso, manifestaram medo da privatização do ensino e vontade de ouvir os alunos sobre o que eles esperam da escola. Todos os presentes se comprometeram a mobilizar o coletivo para o seminário. “Espero maior participação dos professores, e que o encontro possa colaborar com as reivindicações para o bom funcionamento da educação na Maré. Temos que pensar estratégias de cobrar os direitos já definidos para o acesso à educação”, argumenta o professor do Ciep Operário Vicente Mariano, Bruno Paixão, de 29 anos.

Acompanhe as informações sobre o segundo seminário em www.re-desdamare.org.br. (Texto: Hélio Euclides)

Trabalho social em favelas

Em 19 de outubro, de 9h às 17h30, a Redes da Maré realizará o I Seminário da Maré de Trabalho Social em Favelas e Espaços Populares, na Lona Cultural Herbert Vianna, no Parque Maré. O objetivo é reunir técnicos da área de saúde, educação e assistência social para discutir sobre as políticas públicas na Maré. Informações: 3105-5531.



Elsângela Leite

Seminário discutirá políticas públicas na Maré

Vida saudável

O Instituto de Nutrição da UFRJ oferece tratamento nutricional gratuito para mulheres com idade entre 30 e 45 anos que estejam acima do peso. O objetivo é o emagrecimento saudável com dieta supervisionada por nutricionistas. Só não podem participar mulheres na menopausa, diabéticas e fumantes. Informações com Wânia Monteiro pelo telefone 2562-6596.



Outubro é o mês das crianças e combina muito bem com festa e brincadeiras. Porém, enquanto os pequenos se divertem, pais e responsáveis precisam ficar de olho para prevenir acidentes. Dados do Ministério da Saúde mostram que as lesões não-intencionais causadas por acidentes estão entre as principais causas de morte de crianças de 1 a 14 anos no Brasil, vitimando mais de seis mil e hospitalizando cerca de 140 mil todo ano. A maioria acontece dentro de casa e as causas mais comuns são queimaduras, quedas, afogamentos e intoxicações. O dado positivo é que estudos indicam que em 90% dos casos, os acidentes podem ser evitados com a adoção de medidas simples no dia adia. **Confira algumas dicas abaixo:**

Para evitar afogamentos:

Evite deixar a criança sozinha em qualquer recipiente com água (banheiras, bacias, tanques ou baldes): 10 segundos são suficientes para que a criança fique submersa. Mantenha também cisternas, tonéis, poços, piscinas e outros reservatórios domésticos trancados ou protegidos;

Para evitar atropelamentos:

A supervisão constante de um adulto é muito importante até que a criança demonstre total capacidade de julgamento do trânsito, como olhar para os dois lados ao atravessar uma rua; usar sempre a faixa de pedestre; saber e respeitar as leis e sinais do trânsito, etc. Além disso, tenha cuidados com o fluxo de carros, motos e kombis;

Para evitar intoxicações e envenenamentos:

Guarde todos os itens de higiene, limpeza, produtos venenosos e medicamentos trancados e fora da vista e do alcance de crianças. Estes também devem ser mantidos em suas embalagens originais, o que evita que um produto tóxico seja confundido com outro que não ofereça perigo. Procure se informar sobre quais produtos podem oferecer perigo à saúde das crianças: alguns enxaguantes bucais, por exemplo, podem ser nocivos quando ingeridos em grande quantidade. Por fim, evite criar novas soluções de limpeza misturando diferentes produtos que não tenham aquele fim. Essa nova mistura pode ser perigosa;

Para prevenir quedas:

Escadas, sacadas e lajes não são lugares seguros para brincar. Use sempre portões de segurança no topo e no pé das escadas e, caso esta seja aberta, instale redes

Para evitar queimaduras:

Mantenha as crianças longe da cozinha e do fogão, principalmente durante o preparo das refeições. Prefira ainda utilizar as bocas traseiras, mantendo sempre os cabos das panelas virados para trás. O uso de protetores de fogão também é indicado. Evite carregar crianças no colo enquanto mexe panelas no fogão ou manipula líquidos quentes. Um simples cafezinho pode provocar graves queimaduras na pele de um bebê;

Fonte: Sites Criança Segura e Canal Futura.

www.criancasegura.org.br

www.futura.org.br

Você pode saber mais assistindo à série de interprogramas “Olha só o perigo”, produzida pelo Canal Futura em parceria com a ONG Criança Segura e composta por animações dirigidas a crianças, pais e educadores.

Alguns episódios podem ser encontrados na Sala Futura da Redes de Desenvolvimento da Maré, na Rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda - Maré - Rio de



Colunista

Sonia Aguiar*



A vida é um lixo?!

O que o desabamento do Morro do Bumba, ocorrido em Niterói, em abril deste ano, tem em comum com o acidente provocado por césio 137 em Goiânia, 23 anos atrás? Ambos envolvem três questões de grande interesse social, que só recentemente vêm ganhando atenção de pesquisadores e do poder público: a segurança ambiental, a justiça ambiental e a comunicação de risco.

No primeiro caso, 45 pessoas morreram depois que suas casas foram atingidas pelo deslizamento do terreno onde haviam sido construídas, provocado por fortes chuvas. No segundo, pelo menos uma centena de pessoas tiveram a saúde gravemente afetada pela contaminação desencadeada em 13 de setembro de 1987, quando uma cápsula radioativa (utilizada em aparelhos de radioterapias) foi encontrada por catadores de papel, que pensaram se tratar de uma sucata qualquer. Em ambos, o desconhecimento ou descuido da população sobre os riscos que corriam e a negligência, má-fé ou irresponsabilidade dos poderes público e privado em relação a essas pessoas caracterizam situações típicas de insegurança ambiental.

Muita gente reagiu com indignação ao saber que o Morro do Bumba não era elemento geográfico natural e sim o resultado remanescente de um antigo depósito de lixo a céu aberto, operado pela prefeitura local entre 1970 e 1986. Logo após a sua desativação, a ocupação humana do terreno foi proibida. Mas, aos poucos, a falta de fiscalização e de memória social fez surgir uma nova comunidade. Como a imprensa carioca

relatou no dia seguinte à tragédia, em vez de reprimir a ocupação irregular do antigo lixão, o poder público municipal e estadual promoveu a fixação daquelas pessoas no local ao instalar ali equipamentos e serviços de urbanização como caixa d'água, rede elétrica, escola, creche, quadra poliesportiva e o Programa Médico de Família.

Ou seja, o que nas campanhas eleitorais aparecia como benefícios sociais era, na verdade, ingredientes de um bomba relógio de efeito ambiental retardado, resultante da decomposição do lixo acumulado durante mais de 25 anos e "adormecido" em outros 25. A tentativa de construção de um aterro sanitário, nos anos 1990, em área em frente ao Morro do Bumba, inviabilizada por uma invasão de pessoas sem teto, e o redirecionamento do lixo da cidade para o Morro do Céu, próximo ao local do deslizamento de abril, sinalizam uma situação de injustiça ambiental, que expõe a situações de risco as populações mais pobres.

De forma semelhante, o aparelho de radioterapias abandonado nas instalações desativadas de um hospital na zona central de Goiânia, ao ser irresponsavelmente desmontado, repassado a terceiros e descartado de forma inadequada, acabou provocando um rastro de contaminação entre pessoas dos grupos mais vulneráveis da cidade.

Então pense rápido: de quem é a responsabilidade pelo destino das toneladas de sobras de comida, objetos quebrados, remédios vencidos, restos de materiais utilizados em tratamentos médicos, e os milhares de aparelhos e componentes eletrônicos que descartamos com frequência cada vez maior no nosso dia a dia? A resposta é simples: todos nós, como indica a Política Nacional de Resíduos Sólidos sancionada pelo presidente da República no último dia 4 de agosto.

Mas a lei deixa em aberto uma parte importante na prevenção das consequências de tudo isso: a comunicação dos riscos a que as pessoas estão expostas pelo tratamento inadequado de todas essas formas de resíduos, ou seja, do lixo nosso de cada dia. A comunicação de risco, que nasceu e se desenvolveu associada a danos relacionados a saúde e a riscos de morte, como epidemias e contaminações químicas, radioativas e bacteriológicas, vem ganhando cada vez mais atenção a partir do acirramento das catástrofes ambientais. E já não se trata apenas de avisar quando o perigo está próximo mas, sobretudo, de como evitar ou minimizar as ameaças e danos à vida, que afinal, ninguém acha no lixo.

* Jornalista, professora da Universidade Federal de Sergipe e coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (<http://licaufs.blogspot.com/>)

Programação Infantil

Destaques de outubro

Segunda a sexta

Das 8h às 13h
e das 17h30 às 19h30

Sábados

Das 9h20 às 12h30

Domingos

Das 8h30 às 12h30



www.futura.org.br



Mundo da Leitura

Toda quarta, às 10h30



Teca na TV

De segunda à sexta, às 9h e às 18h30



Mãe, virei um peixe

Dia 12 de outubro, às 10h30 e às 17h30

Canal 18 UHF - NET canal 32 - SKY canal 8
Parabólica Polarização Vertical 20



Zé Careca mostra foto antiga das palafitas do Parque Maré

Texto: Sílvia Noronha | Foto: Elisângela Leite

Em 1951, a área da Rua Teixeira Ribeiro, no Parque Maré, contava com menos de 70 barracos construídos sobre palafitas. Quando a maré enchia, as águas da baía passavam debaixo das casinhas de madeira e, na volta, levavam embora a sujeira acumulada. Para as crianças, era uma brincadeira com direito a banho em meio às estacas da palafita, apesar do perigo provocado pela lama ali existente.

Pois esse cenário foi justamente o que encantou o rapazinho de 14 anos recém chegado de Campinha Grande, na Paraíba. José Gomes Barbosa, hoje com 75 anos e conhecido como Zé Careca, veio para o Rio de Janeiro de ônibus, com dois amigos, conhecer o carnaval. Depois da festa, os amigos voltaram e ele decidiu ficar. Durante a semana trabalhava como ferreiro, dormia na casa de uma tia no centro da cidade; e no fim de semana gostava de curtir a vida na Maré, onde morava a concunhada da tia. Nas palafitas, havia forró e agitação, e a vida era mais animada para o Zé.

Até que este rapaz, já com mais de 20 anos, enfrentou a primeira das muitas intervenções dos governantes, que queriam acabar com as favelas e habitações tidas como precárias das áreas centrais da cidade. Em 1960, a casa da tia no centro foi demolida para dar lugar à construção da Avenida Chile. A tia morava de frente para o Morro de Santo Antonio, parcialmente demolido em nome da “modernização” da cidade, feita em ações que sempre impactavam as populações mais pobres.

E Zé passou a morar de vez no Parque Maré, que nessa época já tinha mais de 500 barracos em palafitas e nas partes da Teixeira já aterradas pelos próprios moradores, que pediam para os caminhões de entulho despejarem material ali. Moradores como Zé Careca também faziam o que podiam. Arranjavam borra de minério, de carvão de coque, pó de mármore, o que fosse possível, e levavam para ir aterrando aos poucos o Parque Maré.

Desde os anos 1950, chegava muita gente do Nordeste para construir sua casinha onde fosse possível. A região Sudeste do Brasil estava em pleno processo de industrialização, com forte expansão da economia,

atraindo milhares de moradores do Nordeste, região que, naquela época, não recebia investimentos que promovessem a melhoria das condições de vida de sua população. Com isso, a promessa de dias melhores vinha principalmente de São Paulo e Rio.

Organizando o crescimento da comunidade

No início dos anos 1960, Zé Careca integrava um grupo de 11 moradores que tentava organizar o crescimento acelerado do Parque Maré. Era preciso impedir a construção de um barraco sobre o outro, estabelecer um espaço entre as construções e outros afazeres comunitários que levaram à fundação da associação de moradores.

Também se fazia necessário alargar a Teixeira Ribeiro para melhorar a circulação pela localidade. Assim, lá se foi o time de 11 líderes acampar no Palácio do governo do estado, dia e noite, sem redar pé nem comer direito até que o então governador Carlos Lacerda aceitasse receber o grupo, o que aconteceu na 11ª noite. “Nós estamos aqui para o senhor conhecer a Maré”, disseram eles. E o governador aceitou o convite! A visita foi marcada para a segunda-feira seguinte, às 10h. Além do alargamento da rua, Lacerda, em 1962, fez também a Nova Holanda, ideia que teria partido do próprio Zé Careca para abrigar moradores removidos de morros do Rio.

São muitas as histórias de luta dos moradores do Parque Maré, que sofreram diversas ameaças de remoção. Um episódio famoso ocorreu em 1979, quando Zé Careca ousou enfrentar o ministro do período da ditadura militar, Mário Andreazza, que também queria acabar com a Maré e transferir seus moradores para Santa Cruz, na zona oeste. “Aqui era chiqueiro de porco para eles”, diz.

Mas esse paraibano arretado dobrou Andreazza, que acabou desenvolvendo o Projeto Rio nos anos 1980, que deu fim apenas às palafitas e promoveu melhorias nas comunidades da Maré, sem tirar os moradores das proximidades. Foi assim que surgiu a Vila do João. “Naquele tempo, era mais fácil conversar com político. Hoje, eles prometem, mas tem hora que não fazem”, compara Zé Careca, que continua na luta, na associação de moradores que ajudou a fundar.

“Eu não tinha medo de derrota, porque não acreditava nisso. Só acreditava em Deus.” (sobre a decisão de ficar no Rio, em 1951, aos 14 anos de idade)

“Às vezes dormia no trabalho, porque tinha uma horinha só de descanso. Eu estava interessado em não passar vergonha na minha vida. Não me incomodava trabalhar muito, sempre trabalhei, desde criança. Desde os 7 anos de idade, já ia para a feira ajudar os matutos a segurar saco de carvão para encher e carregar pacote de madame.”

“Para fazer trabalho comunitário, a pessoa tem que gostar de encarar a verdade; e a verdade é muito difícil para quem não gosta.”

“Cada governador que entrava queria tirar a gente da Maré por causa do pessoal da zona sul, que passava de avião e dava para ver até a pessoa tomando banho, porque não tinha cobertura. Colocava um latão ou um barril de vinho e era o chuveiro.”

“Naquele tempo tinha mocotó e rabada. Não tinha carne.”

“Tinha que buscar água. Às vezes demorava duas horas na fila.”

“A política é a coisa melhor do mundo. Como liderança, é preciso conhecer um político para apoiar a sua causa, e em cima desse apoio, ele ganha votos. Mas tem que cobrar as obras, os projetos. Não peço emprego a político, não aceito dinheiro, por isso eles me respeitam. Quem se vende, não é respeitado pelo político.”

Arte em PET na Maré

Carlos Augusto de Oliveira Calixto, de 36 anos, veio do Espírito Santo para o Rio de Janeiro aos 17 anos. E foi na Maré, onde está há seis anos, que ele criou raízes. "Sou muito feliz aqui na comunidade. Não sou cria do local, mas sou amado e conhecido como sou", revela. Calixto é professor de Artes, trabalha com jornal, papelão, vidro e principalmente PET. Vira e mexe, a criançada o procura para pedir apoio na hora de fazer trabalhos escolares com material reciclado. "É o meu trabalho. Tenho muito compromisso para que ele seja importante na vida das pessoas, além da minha. Acredito que faço um trabalho importante para a comunidade porque aqui se gera muito lixo que precisa ser reciclado, mas preciso de apoio para continuar meu trabalho. Minha intenção é formar um projeto de geração de renda", conta ele, que já participou de várias exposições, entre eles a Primavera Glade, no ano passado, quando expôs uma rosa de um metro e meio, feita em PET, na Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana. Há dois anos, fez as saias de 30 baianas para o desfile do Gato de Bonsucesso e atualmente oferece oficinas na Cidade do Samba para o setor de adereços e chapelaria. Contatos com Calixto podem ser feitos na antiga quadra do Gato, na rua São Jorge, Nova Holanda, ou pelo telefone: 3869-7713. No orkut, visite: [augusto calixto artes em pet](#).



POESIA

Pela última vez

Marilena Manuel Alberto

Quando o último peixe for morto
Quando a última árvore for morta
Quando o último rio secar
Quando o último lago se esgotar
Quando a última gota de chuva cair
Quando o último amor morrer
Quando a última paixão de acabar
Quando a última lágrima cair

Quando você me der o último beijo
Quando você me der o último abraço
Quando você me falar a última palavra
Quando você me comover pela última vez
Quando eu me entregar à fantasia pela última vez

Quando eu me comover pela última vez
Vou me emocionar e impressionar
Quando eu sonhar pela última vez
Vou me entregar à fantasia
Quando eu te conquistar pela última vez
Vou alcançar mérito e obter sucesso
Quando eu sorrir pela última vez
Vou mostrar prazer de viver a vida
Quando eu criar pela última vez
Vou dar existência de mostrar ideias
Quando eu amar pela última vez
Não sei o que vou fazer
Se vou morrer ou vou resistir a esta dor imensa

Quando eu celebrar pela última vez
Vou encantar o mundo pela última vez
com a minha alegria de viver pela última vez

Por isso, vivam! Amem como se fosse pela última vez.



"Faço trabalho de colaboração de futebol com as crianças, na ciclovia, há mais de 20 anos, de segunda a sexta-feira, e na terça ainda ofereço um lanche. A publicação da imagem deles no jornal Maré de Notícias, do qual gosto muito, é um incentivo para eles e para seus responsáveis"

Severino Fernandes, de 49 anos,
morador da Vila do Pinheiro

Participe desta página! Envie suas fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica...

A seção ESPAÇO ABERTO foi criada para que você, leitor do Maré de Notícias, possa mostrar a todos a sua arte: uma fotografia, uma ilustração, uma poesia, uma crônica! O importante é participar! Envie a sua arte para a Redação do Jornal, na Redes da Maré - rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda; ou pelo e-mail: comunicacao@redesdamare.org.br